



PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS: O APRENDIZADO

Tereza Maria da Silva Lucas¹

Vanessa Canuto²

INTRODUÇÃO

Neste texto apresentamos as experiências com crianças na Associação Pestalozzi, localizada na região serrana do estado do Rio de Janeiro, com as quais atuamos no período de 2019 a 2020. Nesta instituição o trabalho é realizado em conjunto com equipe composta de pedagogos, psicólogos, assistência social, parte administrativa, funcionários de apoio, etc. Além disso, contamos com o diálogo estabelecido com as escolas regulares da rede nas quais as crianças estudam. O conjunto de ações entre os pares objetiva proporcionar um atendimento que corrobore com a ampliação das capacidades dos educandos. Analogamente, em atividades realizadas mais proximamente com a turma, evidenciamos que cada discente é único e precisa ser observado. Por isso, almejamos esclarecer, com a prática da vivência abrangida, o quanto é importante aprender ao tempo em que se ensina, como propõe Freire (2002)

DISCUSSÕES

Na Associação Pestalozzi, com prática profissional, atuamos no período de 2019 e 2020, com crianças que possuíam diferentes demandas e, em concordância com Carlou (2018, p. 3), "para que a escola se traduza em um

¹ Cursista do Curso de Aperfeiçoamento em Educação Especial. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Educadora na Associação Pestalozzi de Cantagalo. E-mail: tereza.maria2015@yahoo.com.br.

² Mestre em Educação. Professora dos Anos Iniciais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Mediadora do curso de atualização em Educação Especial Inclusiva da Fundação CECIERJ.



espaço que privilegia a diversidade é fundamental a elaboração de estratégias adaptadas às necessidades individuais de cada estudante”. Nesse sentido, o trabalho realizado em grupo, deveria incluir diferentes adaptações para cada um, por exemplo, os alunos G, L, F, V e M, apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA), porém eles são muito diferentes uns dos outros. O que desejamos ressaltar é que cada indivíduo é único e um rótulo não pode definir alguém. Foi interessante, após um tempo de trabalho com contação de histórias na turma, observar que M, com dez anos, passou a direcionar sua fala e amar os fantoches disponíveis para narrar histórias que conhecia ou criava espontaneamente para todos ouvirem. Já L, aos seis anos, era uma das que mais evidenciava interesse para o teatro de fantoches, inclusive os demais, similarmente, começaram a compreender que ela estava chamando a classe para sentar e escutar a história. De outra maneira, G, de nove anos, bastante atento, começou a ler sem dificuldades, mesmo palavras complexas, a exemplo do nome da instituição. Ele já gostava de ouvir o contado a partir de livros, o que foi possível atentar quando ele escolhia livros da estante e trazia para quem fosse contar, uma cena linda a cada vez vista.

O menino J, de seis anos, possivelmente com transtorno bipolar, quando chegou não se comunicava muito, mas depois, especialmente com a hora da brincadeira, passou a expressar-se, fazer um amigo de cada vez e mostrou-se bastante organizado, chegava a chamar outras crianças da classe para as tarefas. O espaço da brincadeira em sala era tão relaxante para ele ao ponto de, em certas vezes, preferir realizar as atividades ali, e não sentado à mesa. E pensando bem, por que não? Se ele iniciava sua trajetória escolar, que fosse da melhor maneira possível e que favorecesse as melhores lembranças. Com o tempo, o lugar deixou de importar tanto e estar com as pessoas sentado à mesa era simplesmente natural.

O garoto J tornou-se outro contador de histórias e P, de nove anos, com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), disse algumas vezes que J era um de seus melhores amigos. Com as práticas de leitura Paprimorou também sua compreensão textual, lia melhor e mais



rapidamente, assim como M em exercícios semelhantes.

A criança F, de seis anos, chegou depois na turma. Também com TEA, vem evoluindo de modo bem rápido. Falava algumas palavras e já usa frases mais completas. Seu desenho também manifesta mais completude de formas, pinta com variedade de cores, reconhece letras do alfabeto, números, cores, formas, etc. O trabalho com estimulação sensorial e a hora da brincadeira pareceram ajudá-lo demasiadamente. Tais ações também auxiliaram a V, de quatorze anos; contribuíram com o desenvolvimento de L, já citada, A, com quinze, cujo laudo contém a síndrome de West, mais rara, bem como a R, de seis anos, W, com dezesseis, e N, com quinze, os três com Paralisia Cerebral (PC). O contato com areia, massa de modelar e tinta guache, por exemplo, era algo calmante que visivelmente os deixava atentos. A criança R avançou com os conceitos relativos à educação infantil e está em fase alfabetização. O grau de seu comprometimento é menor que o de W e N.

A partir desses exemplos, observamos o quanto cada estudante é diferente e que os laudos em si não bastam para determinar os exercícios que melhor serviriam ao desenvolvimento de cada um nem mesmo a continuação dos benefícios de cada prática, haja vista que J aos poucos deixou o local da brincadeira. Outro trabalho interessante foi com a música. Nesse momento, podia-se ouvir, dançar, cantar e tocar instrumentos. Com a música observamos que G, anteriormente mencionado, e H, de seis anos, com hidrocefalia, demonstravam ter ótimo ritmo ao tocar os instrumentos, já que suas famílias também eram bastante musicais. A postura de H, que usa cadeira adaptada, era incrível tocando o pianinho. A criança G, não fala espontaneamente, mas compreende bem, indica onde está o que lhe pergunta e na música, canta as partes propositalmente suprimidas a fim de dar continuidade à canção. O mesmo trabalho vem sendo favorável com L.

De acordo com o mestre Freire (2002), não existe docência sem discência. O que significa que devemos também aprender enquanto ensinamos. Observar as crianças pode aprimorar ensino e é aprendizado para a própria prática e poderemos ser mais!



CONSIDERAÇÕES

Por fim, ressaltamos que observar os alunos é tão ou mais importante que ler laudos a fim de direcionar a prática realizada. Um diagnóstico contribui significativamente como referência, pois nos permite pesquisar exercícios mais direcionados, todavia cada ser é único. As experiências de vida que carrega, além de sua singularidade, devem ser consideradas nas atividades proporcionadas para o desenvolvimento. Ademais, eles têm muito a ensinar.

REFERÊNCIAS

CARLOU, A. Estratégias pedagógicas para ensino-aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 205, Jun., 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.